

Por uma ASSUFRGS DIVERSA!

Conjuntura internacional

estamos vivendo uma polarização mundial entre os detentores do Poder Econômico Capital Financeiro e o resto da população que não detém o capital e muitas vezes se submete ou resiste para a sua sobrevivência, a miséria ainda perdura, mesmo com tecnologias e avanços da ciência a fome ainda mata e deixa as pessoas em situação de vulnerabilidade social. por um lado observamos o Elon Musk dono um patrimônio herdado de sua família que também foi escravocrata se associando ao Donald Trump para aplicar políticas xenofóbicas a população norteamericana e expulsar imigrantes e pessoas com cidadania incompleta na terra do Tio San.

Também ainda a devastação da faixa de Gaza pelo sionismo associado ao imperialismo nortamericano e demais usurpadores de vidas inocentes que não tem chance de se proteger adequadamente das bombas jogadas por Israel que tenta expulsar os moradores da Faixa de Gaza porque tem interesse em todo o território palestino, infelizmente viraram mártires dos poder bélico de Israel sendo muitas mulheres e crianças.

Também a Ucrânia e a Rússia disputam por territórios importantes porque têm riquezas minerais e são estratégicas para ambos os lados, só que sabe-se que a OTAN financia com os EUA essa guerra contra a Rússia com fins de diminuir o potencial político dos russos na região européia.

Conjuntura Nacional

no Brasil temos o Governo Lula que foi eleito pela esquerda e com apoio do centrão para tirar o Bolsonaro do poder e assim tentar fazer do Brasil um país mais inclusivo e fortalecer os movimentos sociais dando voz aos que são marginalizados porque não têm representatividade nas esferas de poder (Judiciário, Legislativo e Executivo). estamos ainda em disputa nesse governo de esquerda com a direita que faz chantagem porque tem a maioria no congresso brasileiro e infelizmente vira um governo de "coalizão" pois o vice presidente da república é Geraldo Alckmin que veio do centrão para ser o vice de Lula na presidência sem uma base consolidada popular, mas que tinha o aval de empresários brasileiros e assim vencer o outro governo fascista. Sabemos das dificuldades do governo Lula e de avançar com os projetos que apresentou como propostas em campanha nas eleições para presidente, pois a oposição no Brasil se dá também pelos donos da imprensa que é financiada pelos rentistas (bancos que vivem de especulação financeira), as transnacionais que são de fora e não querem regulação e ne intervenção estatal que controle as exploração das riquezas naturais brasileiras. ainda

agora para piorar temos Miley (Presidente da Argentina) que também se associa com Trump e envenenam inclusive internamente já as futuras eleições do Brasil querendo que o vice presidente Alckmin se associe a ele para se alinharem ideologicamente pela direita.

O que nos convém é continuar lutando e legitimando os movimentos sociais como sindicatos, movimentos dos e das trabalhadoras sem Terra, Movimentos pela Moradia, Marcha Mundial das Mulheres, Povos Indígenas (Originários) por seus territórios, Povos quilombolas, Povo sem Medo, Frente Brasil Popular e Centrais Estudantis universitárias e secundaristas a permanente mobilização social para pautar um governo Democrático e Popular que atenda as pautas de quem mais precisa e se mobiliza pela Justiça Social.

não podemos aceitar a chantagem de um congresso nacional que baliza o governo e só aprove leis que também os contempla com o orçamento secreto, pois assim eles limitam os investimentos para as instituições públicas e investimentos nos inúmeros programas com Agricultura familiar e sistema único de saúde (SUS), educação de qualidade e infraestrutura para o Brasil crescer em melhorias de transporte de cargas e de pessoas com rapidez e combustível (energia limpa).

somos um país quase continental e temos uma grande e linda diversidade (O Brasil é composto por muitas nações indígenas quando os colonizadores aqui chegaram), também há que se fazer a demarcação já das terras de quem sempre cuidou, preservou esse território e ainda tem muito para comprovar que só avançaremos com respeito às culturas de todos os povos e inclusive nossos e nossas irmãs /os africanos que também vieram forçados para cá.

Mulheres Trabalhadoras da EDUCAÇÃO no IV CONASSUFRGS

Nós, mulheres trabalhadoras da educação (TAES) estamos participando desse IV CONASSUFRGS para contribuir com o debate em nosso sindicato que há 10 anos não reúne a categoria de trabalhadoras/es para tirar políticas e ações mais voltadas às questões de gênero independente de orientação sexual.

Na nossa categoria estamos avançando com a entrada das mulheres para muitos postos de trabalho nas unidades das universidades na UFRGS (UFRGS.br/paineldedados) e Institutos federais. O censo mostra que somos mais de (50%) lotadas na UFRGS e na ASSUFRGS mais da metade do total de filiados, somos 1368 filiações mulheres e 1332 homens. Por isso estamos nos mobilizando para nos fortalecer internamente para tornar um sindicato que represente mais as mulheres e se volte para capacitá-las tornando assim a estrutura mais igualitária, como por exemplo se crie mais coordenações sindicais específicas para as mulheres como a Coordenação da Mulher Trabalhadora (semelhante a nossa federação FASUBRA). Mesmo, às vezes, percebendo os limites dessa coordenação de não ter muitas ações, fica a sensação de que não são priorizadas, em detrimento de outras demandas que parecem que são sempre mais urgentes do que as pautas femininas!

Sabemos que a luta das mulheres internacionalmente é incansável porque o Capitalismo usa seus corpos como lucro, como vetores de produção e

sem pagar por isso e as coloca em desvantagem dentro dessa lógica patriarcal que apenas nos enxerga como matriz reprodutoras de quem alimenta as guerras (quando convocam nossos filhos para defender impérios ou batalhas que não nos representam). Também tomam os territórios ou o território das mulheres que são compostos por seu corpo, pelo lugar onde vivem, trabalham e desenvolvem suas lutas, suas relações comunitárias, sua história. Há impeditivos que cercam nosso crescimento e desenvolvimento humano como as transnacionais, as mineradoras, as grandes corporações imobiliárias, as madeireiras as grandes plantações (o agro) que exploram demasiadamente o meio ambiente, desgastam o solo e extrapolam com o uso da água e dos recursos naturais sem uma compensação combinada com as comunidades afetadas. Por isso estamos vivendo o desequilíbrio climático como as grandes secas e severas inundações, fenômenos extremos da natureza que estão acontecendo com frequência sem nos dar tempo de nos organizar para recuperar os recursos perdidos. É urgente nossa mobilização e auto-organização como classe trabalhadora, nos filiando em nossos sindicatos para criarmos solidariedade entre as mulheres de vários setores e organizações para resistir aos ataques dessas grandes empresas que impõem jornadas exaustivas (6X1) com seus sistemas de exploração ou escravidão em detrimento de lucros abusivos desses sistemas ou à financeirização que é globalizada mas a exploração é fixa e já calculada o que está sob nossos pés (como por exemplo a água, petróleo, gás). Cabe a nós denunciar e barrar essa barbárie que cometem com nossos biomas.

Aqui na UFRGS nós presenciamos algumas discrepâncias nas administrações e no método de ensino que ainda privilegia a meritocracia e os e as láureas perpetuando as castas e os privilégios de poucos abafando a diversidade que agora também entra para as universidades por cotas e sistema de seleção unificada (SISU), que popularizam o acesso às universidades.

Nós, trabalhadoras precisamos nos unir como técnicas, terceirizadas, docentes e estudantes mobilizadas em nossos postos de trabalho e pautar mais segurança, assistência e centros de convivências que nos contemplem dentro das nossas especificidades em lugares estratégicos. Já em nosso trabalho como TAEs avançamos na carreira com a política de incentivos e capacitações de serviços para desempenhar um trabalho de excelência que já é evidente para a sociedade brasileira, mas o que ainda é lento são as lideranças femininas em departamentos, em Câmaras ou em Conselhos Superiores e dirigir unidades de ensino onde não há avanços entre nossos pares, mesmo tendo formação técnica não somos eleitas para as direções e nem reitorias, cargo destinado apenas a docentes. Cabe ainda lutarmos por mais avanços e reconhecimentos na carreira nas IFES. (Instituições de Ensino Superior).

Na ASSUFRGS queremos a proporcionalidade para a coordenação do sindicato e não a eleição majoritária que apenas contemplará a chapa que concorre às eleições e tirar mais votos da categoria, essa vai de novo nos coordenar sem diversidade de partidos e grupos e isso de novo vai nos engessar.

Há que renovar o método da entrada das futuras coordenações para mais democráticas e diversas que contemple partidos de esquerda é claro, mas com visões diferentes, que não só critiquem um governo de esquerda, mas que apontem estratégias políticas que resultem positivamente na categoria e assim

avançamos como categoria de TAEs unificadas e não o que temos hoje (categoria dividida e sem respostas do sindicato para as demandas internas). Ficamos com a inspiração do filme de Marcelo Rubens Paiva interpretado por Fernanda Montenegro: Nós ainda estamos aqui!! Não aceitamos anistia para os torturadores das Mulheres, nem o negacionismo climático e nem o absurdo das guerras contra o povo palestino e nem qualquer outros que lutam por autodeterminação e reconhecimento de seus territórios.

carreira

Conseguimos avanços sempre através de muita luta e greves da categoria de TAES desde o antigo PUCRECE (Plano de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos), que foi absorvido pelo atual PCCTAE em 2005 sendo uma correlação de forças com avanços do ponto de vista conceitual e salarial comparando a carreira anterior, só que com desenho linear da tabela e equidade o incentivo linear a qualificação. O ideal seria a racionalização dos cargos que favorecesse o movimentar na carreira com atualização dos cargos e o nosso fazer (como se fosse o cargo único e andaríamos por completo por dentro da carreira em ascensão), mas segundo os intérpretes legais a Constituição Brasileira não permitiria e haveria que fazer um novo concurso. Atualmente estamos com a Medida provisória 1286/2024 elaborada pelo governo Lula que nos concede reajustes agora para o ano de 2025 e 2026 ampliando a tabela com mais níveis e maior repercussão financeira mas que ainda dependemos de uma câmara de Parlamentares que aprovem a LOA (Lei Orçamentária Anual), dessa medida todo o país depende para andar com seus projetos ou a política de governo, nós servidoras/es ficamos na dependência desse jogo da oposição que não quer ceder o mérito ao governo e nem a nós classe trabalhadora que estamos no outro lado dos guichês públicos atendendo com qualidade e assistindo o e a cidadã brasileira.

Sabemos das diferenças em nossa carreira e que infelizmente os cargos mais humildes ou que precisam de menos educação formal estão entrando em extinção e também os vencimentos também diminuem e aumentam os salários dos e das que mais estudaram ou estão no Nivel E, Não era essa nossa luta e sim um reconhecimento igualitário para todas/os /es porque sabemos que as universidades precisam de trabalhadoras/es em vários setores para se desenvolver bem. Ainda queremos uma Universidade Cidadã, Autônoma, didático científica de autonomia administrativa de gestão financeira e patrimonial .